
ROTINAS DA QUARENTENA

THE LOCKDOWN ROUTINE

ALICE JEZILIA ALMEIDA GUILHERME

Universidade Federal do Ceará

- ENSAIO FOTOGRÁFICO -



254

Esse é meu olho, cheio de dobrinhas e olheiras. Depois que a quarentena começou, eu não conseguia dormir direito. Eu tenho transtorno de ansiedade e depressão, tomo remédio à quatro anos. Não sou uma pessoa que gostar de sair todo fim de semana mas, a perspectiva de ter que ficar em casa me fez pensar que eu estava perdendo a minha liberdade. Apesar de me deixar segura, a sensação aprisionamento não diminuía.



Devido a quarentena, não podia ir ao salão. Eu já tinha cortado o cabelo em casa outras vezes, tinha ficado bom. Nunca gostei de salão porque, no meu bairro, as pessoas costumam fofocar de tudo enquanto você espera a sua vez. Eu sou uma pessoa muito discreta e não gosto desse tipo de conversa. Além do mais, as revistas são horríveis e desatualizadas. A única coisa pela qual agradei nos últimos meses foi não ter que ir ao salão. Cortei o cabelo sozinha duas vezes desde Abril, fiquei maravilhosa.



Eu fecho os punhos e aperto os dedos quando estou apreensiva com algo. A possibilidade de melhora, depois que atingimos meio milhão de mortes, caiu bastante pra mim. Me senti como se estivéssemos falhado, como política, mas principalmente, falhado como gente. Nós criamos um sistema explorador que obrigou as pessoas a trabalhar, mesmo durante a pandemia, onde elas tinham risco de morrer. Meu punho fechado é a sensação de inconformismo.



Quebrei uma embalagem de plástico em casa. Pura ansiedade. Enquanto quebrava, cortei o dedo indicador esquerdo. Pelo menos eu me senti aliviada e a embalagem era só um pedaço de plástico velho. Mas isso não apaga o fato de eu ter descontado sentimentos em algo, o que não acontece à muito tempo. Meu transtorno às vezes, me deixa irreconhecível. Maldita quarentena que não me deixou sair de casa.



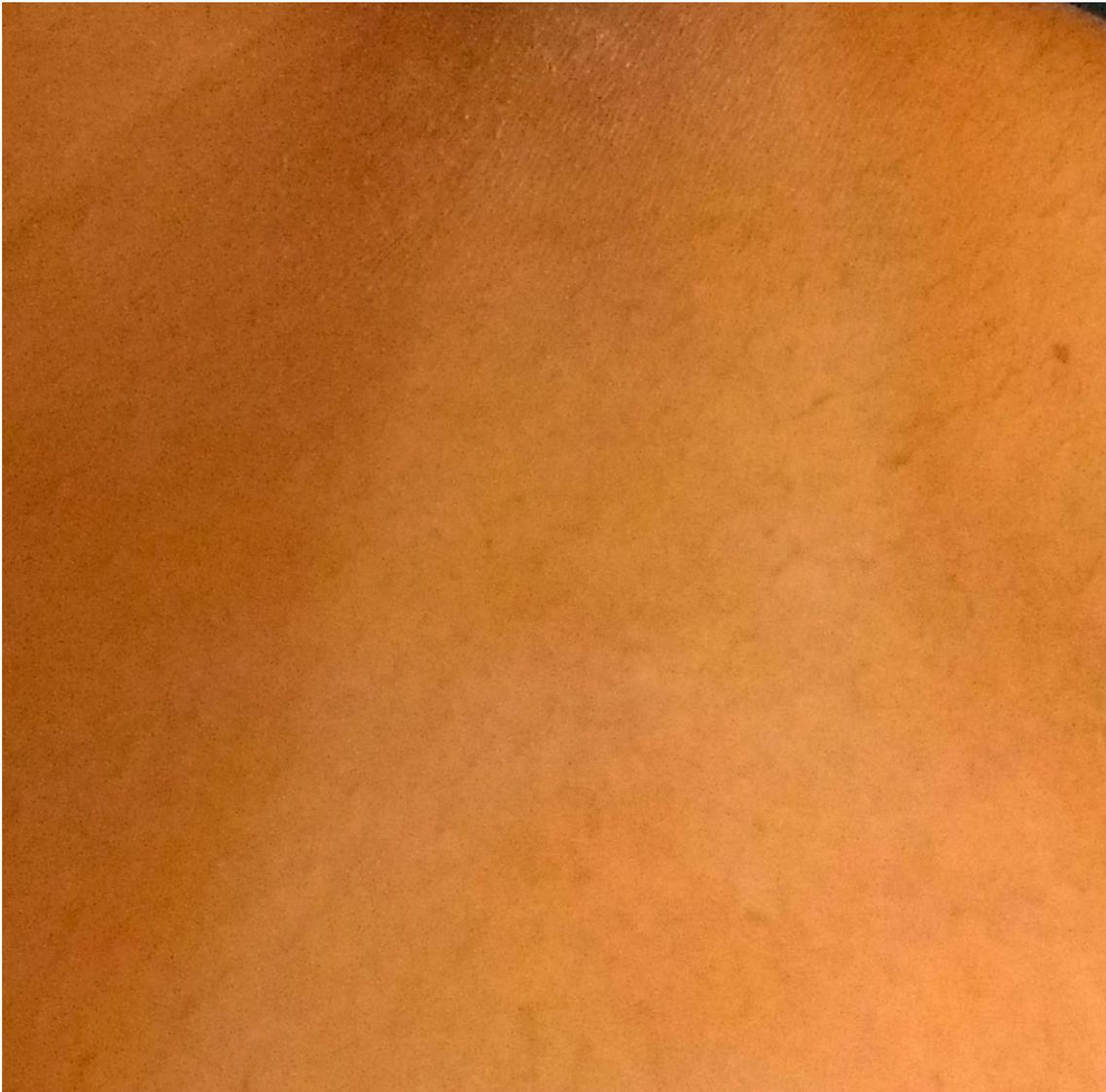
Essa é uma foto da minha mesa durante a pandemia. A máscara, foi minha mãe que fez, esse álcool comprei numa loja super - discreta, daquelas que vendem tudo por 3 reais no Centro, quando ainda estava estagiando, pouco antes do Lockdown determinar o Home Office. O colírio foi muito útil, peguei um ressecamento na vista mas ele resolveu. A cartela de remédio estava ali para quando eu me sentis insuficiente e ansiosa, o que aconteceu com uma frequência bem maior que o normal.



Fotografei esse livro porque fiquei pensando nesse período, como História. Depois que vi “a teoria de tudo”, achei tão lindo o filme que quis comprar, mesmo sem entender nada de física. Ele é bem didático na verdade. Nunca terminei de ler por falta de tempo. Peguei ele para folhear esses dias e me perguntei se não era muito pretensioso querer contar a história do tempo, ainda mais de forma breve. À tanta coisa para se contar, especialmente agora quando nós, a sociedade que funciona sempre no máximo, ficou trancafiada dentro de casa por uma coisa microscópica e letal com a COVID-19. Parafraseando o Twitter, presenciar um fato histórico cansa. O lado bom é que finalmente tive tempo de ler os livros da minha estante com calma.



Tirei essa foto enquanto catava no fundo do meu estojo, um apontador. Foi no início da quarentena e esse papel me trás boas lembranças. O PRECE, da UFC, ofereceu uma oficina de escrita criativa cuja atividade final era sortear esses papéis para escrevermos uma história juntos. Eu tirei o primeiro e era essa palavra. Eu guardei todos os papéis na minha bolsinha desde esse dia e enquanto catava o apontador, puxei esse, por acaso. Isso me fez ficar emocionada. Eu sobrevivi à tudo que houve e estou bem. Com alguns arranhões, mas bem. Isso é ótimo.



Essa foto é o primeiro bronzeado que eu peguei depois da quarentena. Finalmente tive coragem de ir à praia numa segunda-feira de manhã, com meus irmãos e minha mãe. Foi um pouco estressante, apesar da pouca quantidade de gente, mas valeu a pena. Estava com saudade do mar e de pôr os pés na areia. Me senti muito bem!

SOBRE A AUTORA

Alice Jezilia Almeida Guilherme

Discente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: aliceguilherme1@gmail.com

COMO CITAR ESTE ENSAIO FOTOGRÁFICO

GUILHERME, Alice Jezilia Almeida. Rotinas da quarentena. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 254-261, jul./dez. 2020.

Ensaio fotográfico desenvolvido para a disciplina Globalização e Culturas Contemporâneas, ministrada pela Prof.^a Dra. Maria Érica de Oliveira Lima no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

RECEBIDO EM: 22/10/2020

ACEITO EM: 29/10/2020